



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1391

ENTRE NEUTRA E OFICIOSA: A REVISTA A *DIVULGAÇÃO* E SUAS RELAÇÕES COM OS GOVERNOS PARANAENSES (1947 – 1965)

Gilvana de Fátima Figueiredo Gomes
(UNESP/Assis)

Os anos compreendidos entre 1945 e 1965 correspondem, na História da Imprensa Brasileira, ao momento em que diferentes periódicos impressos buscavam construir-se de maneira neutra e objetiva, especialmente, no que diz respeito a assuntos de Estado. Fundada em 1947, a revista curitibana *A Divulgação* estabeleceu relações íntimas com aqueles que governaram o Paraná entre os anos de 1947 e 1965. Entre editoriais que constantemente afirmavam distanciamento político e dossiês das ações do governo do Estado - ambos publicados frequentemente nos mesmos números d'*A Divulgação* - se torna possível uma análise que avalie os interesses em jogo, os projetos apregoados, os caminhos seguidos por esse veículo de imprensa e o lugar por ele ocupado entre as revistas congêneres. A interface entre História da Imprensa e História Política, promovida especialmente no final século XX, fundamenta esta análise e permite observar a flexibilidade de projetos, as relações culturais estabelecidas entre imprensa e política no Paraná, as linhas tênues que separam intelectuais de políticos. Por outro lado, a imprensa periódica, cada vez mais consciente do seu poder, passa a ocupar um lugar nos jogos políticos e usa este espaço como forma de garantir a perenidade de sua publicação. Ainda, por estar localizada temporalmente entre os anos de 1947 e 1965, esta análise avança sobre as interações desenvolvidas na curta experiência democrática vivida naquele período.

Palavras-chave: História da Imprensa; História Política; Intelectuais; Paraná.

Financiamento: CAPES.

Nos meses finais de 1947, Arnauld Ferreira Velloso colocava em circulação nas ruas da cidade de Curitiba e de outras regiões do Paraná, a revista *A Divulgação*. Com a proposta de divulgar "os feitos paranistas", "as conquistas dos araucarianos", "o ritmo do progresso" (para usar algumas das expressões recorrentes no periódico) a revista se propunha a *ler* o Paraná nos anos de redemocratização e auxiliar nos caminhos a serem seguidos pelo Estado nesse novo momento político, econômico e cultural. Autoafirmada

herdeira do movimento paranista, a revista manteve-se fiel aos critérios regionalistas, embora com graduações e temáticas diferentes, até novembro de 1965, quando subitamente deixa de circular.

A *Divulgação* surgia em um momento de euforia nacional que, apelando para ideias de progresso e modernidade, ficariam conhecidos como “anos dourados”¹. E embora o progresso alardeado atingisse a parcelas restritas da população brasileira, jornais, revistas e rádio propagandeavam o desenvolvimento industrial, a paz alcançada com o fim II Guerra Mundial, o desenvolvimento econômico, a redemocratização política como sinais de um novo tempo em que todos poderiam, então, usufruir da modernidade².

Na história da imprensa nacional, o mesmo período seria de mudanças em diferentes aspectos da produção periódica. Em primeiro lugar, a mudança no regime político levaria a uma liberalização dos impressos antes sujeitos às demandas da censura estado-novista. Desde os primeiros anos do governo Vargas, estabeleceram-se relações entre a administração política e os sujeitos responsáveis pela produção impressa brasileira. Aquilo que Elide Rugai chama de “organização da cultura”³ era, desde o início década de 1930, parte da política varguista. A partir de 1937, além da censura imposta pelo DIP, “a concessão de isenções fiscais, prêmios, favores e subvenções aos jornais”⁴ limitavam a pauta dos periódicos, sejam eles jornais e revistas. Evidentemente,

¹Entre os estudos a respeito do período conhecido como “anos dourados” nos utilizamos aqui da obra de GOMES, Angela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro. Editora da fundação Getúlio Vargas./CEPDOC. 1991. Na introdução desta obra, Gomes lembra que existe uma série de memórias positivas a respeito desse período, enfatizando ainda que, para alguns grupos esse período significou, realmente, uma época de mais esperanças. Contudo, há que se deixar claro que esse progresso que parecia se alastrar pelas ruas das capitais não era compartilhado por todos os grupos sociais.

² Estamos cientes de que o tema ‘modernidade’ tem sua positividade reavaliada desde meados do século XIX. No entanto, aqui o nosso interesse se volta para periódicos de larga circulação que consolidaram a crença nos ‘anos dourados’, entre as décadas de 1940 e 1960.

³ Para está autora, desde o início dos anos de 1930 o governo Vargas criou mecanismos que atuavam em setores culturais já com indicativos de uma intencionalidade nacionalista e de conformação identitária. Sobre isso ver: BASTOS, Elide Rugai. *Cultura Política e o projeto do Estado Novo. Intelectuais e Estado*. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=gYHXn86OQ9cC&pg=PA123&lpg=PA123&dq=elide+rugai+bast> Acesso em: 16 de dezembro de 2013.

⁴ RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Clientelismo, corrupção e publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?* Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/336/217> Acesso em 27 de julho de 2014.

que por mais fechados que fossem os limites impostos pelo governo sempre ocorreram resistências, embora isso representasse uma série de riscos para aqueles que ousassem uma imprensa mais opositora.

Contudo, os primeiros anos da década de 1940 anunciavam um período difícil para o governo Vargas e a imprensa foi um dos primeiros setores a anunciar a derrocada do Estado Novo⁵. A queda do Estado Novo fez emergir uma imprensa crítica forjada, em grande parte nos limites impostos anteriormente pelo governo. Ana Maria de Abreu Laurenza, analisando este período reforça o papel ocupado por alguns periódicos nos rumos políticos seguidos pelo país nessa fase de redemocratização⁶. Para a autora, Assis Chateaubriand e os *Diários Associados*, Samuel Wainer e o *Última Hora* e, Carlos Lacerda do *Tribuna da Imprensa* representaram as principais ideias políticas em circulação no período e são entendidos como referenciais da historicidade dos periódicos impressos no país. Ainda de acordo com Laurenza, a imprensa que sempre ocupou espaço importante na história nacional, desempenhou nesse período um papel definitivo e trágico, principalmente, no desfecho do segundo governo de Getúlio Vargas, quando depois de, os jornais *Última Hora* e *Tribuna da Imprensa* se digladiarem cotidianamente, o presidente se suicidou.

Para Alzira Alves de Abreu, nos acontecimentos da década de 1950 é possível localizar um ponto chave da imprensa brasileira dos anos de 1950, a saber: a diminuição do jornalismo de opinião e ênfase na informação limpa. Para a autora:

A crise política que levou ao suicídio de Getúlio Vargas em 1954 pode ser vista como um divisor de águas. A imprensa, que nos meses que precederam o 24 de agosto exacerbou a linguagem violenta e apaixonada utilizada no tratamento dos temas políticos, a partir desse acontecimento, buscou maior objetividade na construção e transmissão da notícia. A forma de fazer oposição a Vargas foi percebida por parte da imprensa de oposição como parcialmente

⁵ O exemplo, nesse caso são as reportagens de David Nasser para a revista O Cruzeiro denunciando as torturas ocorridas no governo varguista. Sobre isso ver: CAMPOS, Paulo Jorge Corrêa. *Repressão e tortura no lead – A Participação dos Diários Associados contra o consenso de uma memória oficial do primeiro governo Vargas (1945-1950)*. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300362459_ARQUIVO_PauloJorgeCorreaCampos.pdf Acesso em: 08 de agosto de 2014.

⁶ LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda*. In: *História da imprensa no Brasil*. São Paulo. Contexto, 2008.

responsável por esse drama político, e uma nova imprensa foi surgindo, a partir de então⁷.

A neutralidade se apresenta como uma obrigação dessa imprensa empresarial na década de 1950. É nesse período que a revista *O Cruzeiro* que havia dominado o mercado desde seu lançamento, em 1928, perde a liderança para *A Manchete*, lançada em 1952. Enquanto a primeira tinha um perfil mais inquieto e crítico, *A Manchete* mostrava um país melhorado, pacificado e bonito e apelava para o aspecto de neutralidade.

No Paraná, o mercado para revistas nunca foi representativo em termos nacionais. As produções, no geral, eram segmentadas, voltadas para públicos e temáticas bastante definidos e quase sempre marcadas pela brevidade da circulação. Nesse sentido, *A Divulgação* representa uma proposta rara uma vez que apelava para públicos variados, tratando de temáticas como política, economia, cultura, sociedade. Ao longo dos anos, seu perfil editorial mudou e houve uma aproximação clara com periódicos de circulação nacional como *O Cruzeiro* e *A Manchete*, especialmente, no que diz respeito a uso de fotorreportagens que, via de regra, cobriam eventos das elites locais.

Entre 1947 e 1965, Arnauld F. Velloso editou 205 números da revista *A Divulgação* e assinou a quase totalidade dos editoriais da revista. No primeiro destes textos, Velloso reflete sobre o papel da imprensa nas sociedades contemporâneas, lembra o potencial que a tecnologia radiofônica tem para superar os impressos e apresenta sua proposta:

Nossa revista – A DIVULGAÇÃO – não alimenta a veleidade de preencher lacunas ou suprir deficiências. Ela se propõe simplesmente propagar idéias e realizações “paranistas” por todo o Brasil. Assim como se fazem as trocas no domínio das transações comerciais, também se operam permutas no domínio das conquistas do espírito . Nosso ideal é sobretudo aproximar servindo aos interesses da cultura no seu desdobramento material e espiritual. E aproximar significa fortalecer os élos de unidade nacional.⁸ P. 3

A revista conseguiria êxito em seu projeto, um misto de regionalismo e nacionalismo que foi sendo alimentado com textos que lembravam o importante papel que o Paraná desempenharia para o crescimento da nação. Outro ponto de destaque na publicação era a insistência em afirmar-se neutra. As páginas

⁷ABREU, Alzira Alves de. *A imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos de 1950*. Rio de Janeiro. FGV, 1996.

⁸VELLOSO, Arnauld Ferreira. *Divulgando. A Divulgação*. N. 1, p. 1.

de expediente administrativo informavam, em todos os números, que os artigos assinados não representavam a opinião da revista, eximindo a equipe editorial de quaisquer debates controversos. Além disso, em diversos momentos a revista registrava seu comprometimento exclusivo em informar os leitores e não em defender poderes:

DIVULGAÇÃO, declaramos alto e bom som, nunca estive e não está absolutamente vinculada a partidos ou grupos políticos. É uma publicação independente e emancipada. Temos convicção de que as boas obras, de interesse coletivo, pairam acima das paixões momentâneas. Isso porque os políticos passam e a boa imprensa permanece⁹.

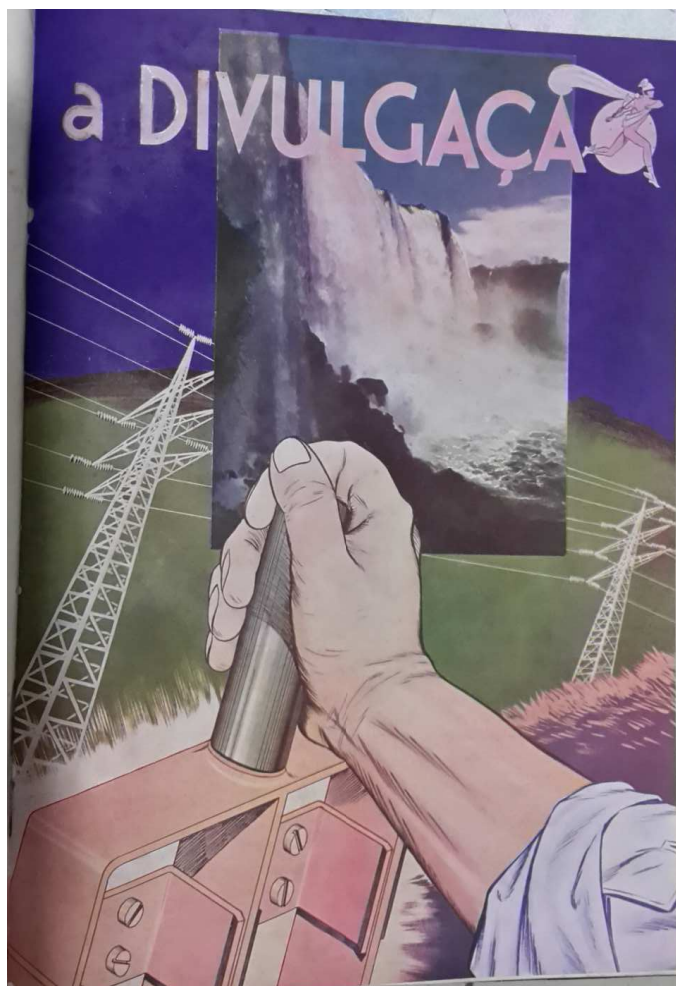
O texto acima, publicado em um editorial entre 1960 e 1961, era um mantra encontrado em diversas reportagens da revista. Além de enaltecer a objetividade do periódico, encobre as diversas etapas de construção d' *A Divulgação*. Seu projeto original, iniciado no final da década de 1940, coincide com a assunção ao cargo de governador do Paraná, de Moysés Lupion de Troia, do PSD. Lupion foi o primeiro governador eleito no Paraná, logo após a queda do Estado Novo; sua administração focou no desenvolvimento de um sistema de ensino secundário gratuito e em projetos ligados à saúde, especialmente, puericultura; também procurou ampliar o sistema de abastecimento energético paranaense. Suas iniciativas receberam ampla cobertura da revista *A Divulgação* e, embora, não houvesse qualquer vínculo oficial entre o governador e o periódico, a administração Lupion receberia, no segundo número da revista, uma análise detalhada das atividades empreendidas pelo governador. Neste número, foram publicados 31 textos, destes 13 avaliavam de maneira positivada o primeiro ano do governo Lupion dando ênfase ao processo de colonização do estado, às práticas de puericultura e os projetos hidrelétricos.

Esse número inauguraria uma prática que seria consolidada na revista: a publicação de dossiês das principais ações do governo. Também eram constantes as entrevistas com os secretários do estado, cada um narrando os principais projetos da sua pasta. Em ambos os casos, precediam os artigos, reportagens e entrevistas uma nota da equipe editorial lembrando que esse era

⁹ VELLOSO, Arnald Ferreira. 1 fato em revista. *A Divulgação*, nº: 153-154. Dezembro de 1960, janeiro de 1961. p. 1.

o papel social da imprensa e que *A Divulgação* seguia sua missão de aproximar seus leitores dos principais fatos ligados ao Paraná.

Figura 1: Capa *A Divulgação*, n. 26-27, janeiro e fevereiro de 1949.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O número 26-27 de janeiro e fevereiro de 1949 de *A Divulgação* estampava na capa uma montagem em que ao centro é possível ver uma foto de uma das quedas de água do Rio Iguazu, ao redor da foto há uma ilustração em que aparecem as torres de transmissão de energia e uma mão, de um indivíduo não identificado, pressionando uma alavanca, que se supõe, irá colocar em funcionamento toda estrutura necessária para geração e distribuição de energia hidrelétrica. Uma nota interna explica o significado da capa:

A capa simboliza uma homenagem alegórica ao patrono do Plano Hidro-Elétrico em execução em nosso Estado, sr. Moysés Lupion. A

concretização dessa importante e já vitoriosa iniciativa está a cargo do engenheiro Luiz Orlando a cuja capacidade realizadora rendemos preito de admiração. Já passou a fase lírica em que se cantavam em prosa e verso as riquezas naturais da Terra das Araucárias, até então dormitando em estado potencial. Estamos vivendo a época em que os problemas prementes de interesse coletivo são planejados e solvidos de modo prático e racional. O aproveitamento do potencial Hidro-Elétrico do Paraná é um fato real e comprovado. Essa vitoriosa iniciativa marcará uma nova era para o progresso social e económico do nosso Estado¹⁰.

Além da relação entre o desenvolvimento hidrelétrico e o progresso, que eram motes políticos do período, é interessante observar o enaltecimento da figura de Moysés Lupion, que é descrito o patrono do progresso, o administrador racional, aquele que conduziu as riquezas naturais do estado da condição de motivos para poemas à condição de realidade comprovada. A revista omite informações a respeito do fato de que os projetos hidrelétricos do período estavam alinhados a uma demanda em nível nacional e enaltece a figura do governador.

Moysés Lupion governaria o Paraná até 1951 e, retornaria ao cargo em 1956. Em fevereiro de 1956, *A Divulgação* saudava o retorno do antigo governador ao cargo com a reportagem *O Paraná recuperou Moysés Lupion*. O texto trata do momento político que antecedeu o retorno de Lupion e apresenta as qualidades do novo chefe do executivo que permitem afirmar:

Moisés Lupion é estadista dotado de grande acuidade. Conhece como a palma da mão todos os meandros da vida administrativa da vida administrativa. Ele não decepcionará o eleitorado. Saberá cumprir com o seu dever, com serenidade, sem ódios e ressentimentos, graças ao seu reconhecido espírito público¹¹.

A cumplicidade de *A Divulgação* com governador Lupion vai além das longas reportagens repletas de elogios. Seus silêncios também são significativos. Em 1957, quando no sudoeste paranaense a questão da posse de terras viveu um dos seus períodos mais violentos após décadas de tensão¹², a figura do governador Lupion foi negativamente avaliada por veículos impressos de todo o estado, que lembravam o papel controverso do

¹⁰ Sem autor. Nossa Capa. *A Divulgação*, n. 26-27, janeiro e fevereiro de 1949.

¹¹ Sem autor. O Paraná recuperou Moysés Lupion. *A Divulgação*, fevereiro de 1956. p. 4-8.

¹² PRIORI, Angelo, et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX* [online]. Maringá: Eduem, 2012. *A revolta dos posseiros de 1957 no Sudoeste do Paraná*. pp. 143-158. ISBN 978-85-7628-587-8. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-12.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2015.

dirigente público, *A Divulgação* silenciou. Não houve menção alguma ao conflito, em nenhum número do periódico.

Entre os dois períodos de governo de Moysés Lupion, de 1951 até 1955, Bento Munhoz da Rocha Neto exerceu o cargo pela UDN. Bento Munhoz fazia oposição a Moysés Lupion e no primeiro ano de seu governo, suas ações não receberam espaço nas páginas de *A Divulgação*, isso sugere que ou a revista não era vista com confiança pelo governador ou que não era interesse do periódico dar espaço a um opositor político do governador anterior. Em 1952, a situação mudaria e o governo de Bento Munhoz conquistaria aos poucos alguns espaços na revista. A princípio de forma tímida, a cobertura das ações governamentais seriam noticiadas, ao longo de 1952, de forma razoável, no entanto, não havia a mesma ênfase conferida a Moysés Lupion.

Nesse período a revista fortaleceu um lado da publicação voltado para eventos sociais promovidos pela elite econômica do Paraná. Ao noticiar ações governamentais, tratava de mencionar o processo que esses avanços representavam, lembrando que as vitórias em termos de hidroeletricidade, estradas, saúde e educação eram etapas de um projeto iniciado anteriormente. Esse é um dos momentos em que revista se aproxima de uma posição mais neutra, pois opera sem promover nem atacar o então governador. Embora isso não comprove vínculos, é interessante observar que nos momentos em que Moysés Lupion governou, a revista se aproximava dos debates políticos e fazia análises das situações que lhe eram contemporâneas; procedimento que não se repetiu quando Bento Munhoz ocupava o cargo.

Quando Lupion deixou seu segundo governo, Ney Braga assumiu o cargo. Ney Braga foi entre 1954 e 1958 prefeito de Curitiba depois de uma mudança na constituição do Estado, promovida pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto, que autorizava eleições para dirigir a capital do Paraná. Bento Munhoz e Ney Braga eram cunhados e foram aliados políticos até 1958, quando Braga contrariou a vontade de seu cunhado e se lançou candidato à Câmara dos Deputados. Mais tarde e com o apoio de Jânio Quadros, Ney Braga se elegeu governador do Paraná calcando seu discurso na luta contra a corrupção representada, segundo ele, pelo então governador Moysés Lupion.

Enquanto era prefeito de Curitiba, Ney Braga recebeu de *A Divulgação* o mesmo tipo de cobertura que seu cunhado havia recebido; com reportagens centradas em seus projetos, mas sem grandes elogios, sua administração passou como algo sem grande destaque, embora ele tivesse promovido a urbanização da cidade, construído o mercado municipal, a estação rodoviária, instalado telefones automáticos e estabelecido as ligações entre o centro e os bairros periféricos por meio de pavimentação asfáltica.

Quando foi eleito governador do Estado, *A Divulgação* tentou se aproximar de Ney Braga e negar suas relações próximas com seu inimigo político, Moysés Lupion. Logo após a posse no cargo, que havia ocorrido em 31 de janeiro de 1961, a revista entrevistou Laertes de Macedo Munhoz, Hermes Macedo, Homero Braga, Ronald Osti Pereira, João Kracik Neto, Flávio Supliicy de Lacerda, Adolpho Machado e Victor do Amaral Filho¹³; os entrevistados eram representantes de setores industriais, comerciais e intelectuais do Paraná e todos, sem exceção, saudavam a eleição de Ney Braga como algo extremamente positivo.

Em março de 1961, um mês depois da entrevista acima mencionada, Arnould Ferreira Velloso comentou as críticas que Ney Braga vinha sofrendo desde que havia tomado posse. No editorial, Velloso lamentava que as críticas fossem feitas “por meio de ataques de índole pessoal” com a intenção de “confundir e ridicularizar”. Lembrava que a boa imprensa deveria “corrigir erros, reparar injustiças com o nobre intento de esclarecer o governante e orientar a opinião pública” e afirmava as boas qualidades do bom governador que não podia ser culpado pela situação “precária” das finanças do Estado. Ao chefe do executivo, “homem de fé inquebrantável e vontade férrea”, aconselhava que voltasse sua atenção para o norte e oeste do Estado, onde estavam as zonas produtoras, especialmente, o café.

A revista se colocava assim ao lado do governador e pretendia apoiá-lo, orientá-lo, lembrando ainda seu papel no que diz respeito a formar a opinião pública. Os tempos de Lupion haviam ficado para trás e não parecia ser

¹³ Sem autor. Personalidades do Paraná opinam sobre o novo governo empossado no dia 31 de janeiro de 1961, sob a chefia do governador Ney Braga. *A Divulgação*. Fevereiro de 1961. p. 15.

intenção de *A Divulgação* lembrar que ambos, o periódico e o ex-governador, estiveram lado a lado por mais de uma década.

Mas a estratégia não foi bem sucedida. Em setembro daquele ano, Velloso lançava novo editorial lamentando a falta de apoio às revistas sociais no estado. O texto era dividido em duas partes, a primeira tratava da revistas sociais e do trabalho empresarial e intelectual que seu feitiço exigia e, do pouco apoio e reconhecimento que a atividade recebia no Paraná:

Mas essas considerações de nada adiantam aos imperturbáveis e intransigentes 'fecha revista', que deturpam os fatos, dão curso a inverdades e até assacam, sorrateiramente contra a reputação alheia. Esquecem que somente as obras sadias e honestas conseguem vingar, a despeito da incredulidade, da melícia e da calúnia.

O desabafo aparentemente contra um anônimo, ganha outro significado quando lemos a segunda parte do editorial. O texto, bastante significativo, é reproduzido, em parte, abaixo:

É sabido que medravam, por este planalto afora, durante o reinado de Lupion numerosos veículos de imprensa falada e escrita, absolutamente destituídos de qualquer valor, de origem duvidosa e efêmera. Eram sustentados exclusivamente com o dinheiro do erário. Centenas de milhões se diluíram em intermináveis cascatas. Um pequeno grupo, plantado na crista da organização político-administrativa, manuseava verbas e auferia lucros fabulosos. A boa imprensa ficava para trás e era sistematicamente preterida. Logo que o Governador Ney Braga subiu ao poder veio fulminante a reação impiedosa contra os que haviam recebido matéria paga do Governo anterior. Não foi feita a triagem, não houve a preocupação de separar o joio do trigo, pagando o justo pelo pecador por falta de um critério imparcial. Resultado: a imprensa subvencionada por interesse político desapareceu e as boas obras foram prejudicadas, inclusive com o cancelamento sumário e arbitrário de requisições revestidas de todas as formalidades legais. Não acreditamos tenha partido do Governador uma providência lesiva aos interesses de publicações honestas, tanto mais que êle sempre contou e teve ao seu lado, nos diferentes estágios de sua vida de homem público, a colaboração eficiente e espontânea da boa imprensa. Somos um órgão independente e nunca tivemos ligação com grupos políticos, partidos ou indivíduos eventualmente no exercício do poder. Sempre seguimos à risca essa orientação, a despeito das antipatias gratuitas, inflexivelmente dentro do critério de vender livremente o espaço desde que a matéria não contenha ofensa moral e se enquadre no estilo dessa publicação.¹⁴

O texto revela os jogos que envolviam a imprensa e os governantes que se sucederam no Estado e, embora pretenda afastar possíveis acusações que recaíam sobre *A Divulgação*, permite que se levante como hipótese que as

¹⁴ VELLOSO, Arnould Ferreira. 2 fatos em revista. *A Divulgação*. Setembro de 1961. p. 1.

amplas e elogiosas reportagens feitas a respeito do governo Lupion foram realizadas dentro do esquema destruído por Ney Braga. A menção ao fato de que *A Divulgação* aceitava matérias pagas autoriza a interpretação de que pessoas dotadas de poder econômico e político teriam melhores condições de arcar com os custos de publicar frequentemente no periódico e, portanto, mesmo que a revista afirmasse novamente não se ligar a partidos ou governos, ela cria mecanismos que garantem que somente aqueles dotados de algum poder tenham espaço garantido em suas páginas. Ao eximir o governador da responsabilidade sobre os cortes de subvenção, sofridos pelos periódicos paranaenses, Velloso não hesita e cobra o fato de que Ney Braga já havia contado com o apoio da boa imprensa, representada provavelmente, pelo periódico que ele [Velloso] dirigia.

Ao leitor dos anos de 1961, o editorial de Velloso provavelmente pareceu convincente, afinal, compreender a complexidade das relações envolvidas exigia que o público daqueles anos fosse também um leitor atento das páginas de *A Divulgação* desde o início de sua circulação, em 1947. Nos anos que seguiram esse editorial, *A Divulgação* se afastou novamente de temas políticos e voltou a atuar quase que exclusivamente na área de eventos sociais da elite, fazendo algumas reportagens pontuais a respeito do governo Ney Braga.

Mas, a crise econômica nacional e as relações distantes com o governo do estado lançaram o periódico em um ritmo incerto de periodicidade, apresentando número reduzido de páginas e repetindo textos. Em junho de 1964, o governo militar cortou a subvenção do estado para importação do papel; Velloso lançou dois editoriais reclamando da situação, afinal, *A Divulgação* era impressa em papel importado, no entanto, era uma nova configuração política e a imprensa entraria em uma nova fase, cada vez menos autônoma. A periodicidade incerta da revista se encerrou em novembro de 1965, quando sem aviso e por motivos incertos, *A Divulgação* deixou de circular. A análise dos exemplares publicados em quase duas décadas de circulação revelam uma trajetória rica, permeada por demandas políticas, interesses econômicos e flexibilidade de projetos e posições.

Nos anos de 1950, os periódicos de circulação nacional e regional estampavam frequentemente seu papel neutro ao tratar com o poder estabelecido. Mas, o termo 'neutro' era flexível e funcionava mais com uma qualidade a ser dita do que uma qualidade a ser praticada. Nas redações de jornais e revistas daquele período existiam profissionais, por exemplo, Assis Chateaubriand, que eram especialistas em transpor os limites entre o "clero e o estado", jargão que diferenciava a notícia da publicidade, a última fonte de renda indispensável, a primeira, objetivo primeiro de profissionais e público leitor.

Naquela época, a regulação desse aspecto do setor de imprensa não era feita por um órgão exclusivo e, a responsabilidade de decidir entre o que era ético ou não ficava a cargo de quem dirigia revistas e jornais; e o termo ético, bem se sabe, também é flexível. Atualmente, o jogo é mais complexo, mas a preocupação com a neutralidade continua sendo mote da imprensa audiovisual, impressa e digital. Em 06 de junho de 2005, o Observatório da Imprensa, um espaço que procura avaliar o exercício jornalístico no país de forma crítica publicou um texto intitulado *Quando a fonte paga a matéria*; dele nos interessa a seguinte reflexão:

Nos cânones do jornalismo, quer dizer, nos alicerces da profissão, há um velho ditado: Jornalismo e Publicidade são como Estado e Igreja. Os dois são importantes num meio de comunicação, exercem seus poderes, mas não se misturam. O entendimento é de que o departamento comercial de um jornal apenas se encarregue de captar recursos, vender anúncios, e não pautar a redação. A mesma coisa do outro lado: jornalista não redige anúncio publicitário nem sequer vende cota de patrocínio¹⁵.

Pensando em três tempos, os anos de 1950-60, o início dos anos 2000 e atualmente, a questão dos poderes que vão de encontro e ao encontro no setor da imprensa continua pertinente e, embora avanços sejam registrados, a crença na neutralidade desses veículos continua a nortear interpretações das diversas realidades sociais. Nesses três tempos, a neutralidade continuou impossível; a saída para o leitor, talvez, seja treinar o olhar para ler essas interações e, para a imprensa, assumir a trajetória que lhe constitui.

¹⁵ Sem autor. *Quando a fonte paga a matéria*. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/quando-a-fonte-paga-a-materia/> Acesso em 13 de agosto de 2015.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de. *A imprensa em Transição: o jornalismo brasileiro nos anos de 1950*. Rio de Janeiro. FGV, 1996.

BASTOS, Elide Rugai. *Cultura Política e o projeto do Estado Novo*. Intelectuais e Estado. Disponível em:

<http://books.google.com.br/books?id=gYHXn86OQ9cC&pg=PA123&lpg=PA123&dq=eli+de+rugai+bast> Acesso em: 16 de dezembro de 2013.

CAMPOS, Paulo Jorge Corrêa. *Repressão e tortura no lead – A Participação dos Diários Associados contra o consenso de uma memória oficial do primeiro governo Vargas (1945-1950)*. Disponível em:

http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300362459_ARQUIVO_PauloJorgeCorreaCampos.pdf Acesso em: 08 de agosto de 2014.

GOMES, Angela de Castro (org). *O Brasil de JK*. Rio de Janeiro. Editora da fundação Getúlio Vargas./CEPDOC.

LAURENZA, Ana Maria de Abreu. *Batalhas em letra de forma: Chatô, Wainer e Lacerda*. In: *História da imprensa no Brasil*. São Paulo. Contexto, 2008.

PRIORI, Angelo, et al. *História do Paraná: séculos XIX e XX* [online]. Maringá: Eduem, 2012. *A revolta dos posseiros de 1957 no Sudoeste do Paraná*. pp. 143-158. ISBN 978-85-7628-587-8. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/k4vrh/pdf/priori-9788576285878-12.pdf> Acesso em: 13 de junho de 2015.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Clientelismo, corrupção e publicidade: Como sobreviviam as empresas jornalísticas no Rio de Janeiro dos anos 1950?* Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/viewFile/336/217>

Acesso em 27 de julho de 2014.

Fontes

VELLOSO, Arnald Ferreira. Divulgando. *A Divulgação*. N. 1. 1947.

VELLOSO, Arnald Ferreira. 1 fato em revista. *A Divulgação*, nº: 153-154. Dezembro de 1960, janeiro de 1961.

Sem autor. Nossa Capa. *A Divulgação*, n. 26-27, janeiro e fevereiro de 1949.

Sem autor. O Paraná recuperou Moisés Lupion. *A Divulgação*, fevereiro de 1956.

Sem autor. *Quando a fonte paga a matéria*. Disponível em:

<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/quando-a-fonte-paga-a-materia/> Acesso em 13 de agosto de 2015.